

## O PROBLEMA DO SER NA METAFÍSICA DE FRANCISCO SUÁREZ

Kaio Marcelo Soares Souza (IC) e Jonas Moreira Madureira (Orientador)

**Apoio: PIBIC Mackenzie**

### RESUMO

Mesmo em meio ao surgimento da modernidade, e o começo do declínio da metafísica, os problemas clássicos desta estavam em alta na Escolástica Tardia, da qual se destacam os esforços de Francisco Suárez em sistematizar o pensamento escolástico. Sua definição de ser é um esforço genuíno de trazer unidade a um sistema metafísico amplo que vai se desdobrando dentro de suas *Disputationes Metaphysicae*. Neste artigo tentamos trazer uma visão geral sobre temas em torno do problema do ser a fim de introduzir o leitor na leitura e compreensão do Exímio, passando pelo problema da conceituação e relacionando-o aos problemas do objeto da metafísica, da analogia do ser e da divisão do ente. Diante da amplitude que as Disputas cobrem, selecionamos aquilo que julgamos mais necessário a partir das três primeiras disputas e da Disputa XXXVIII, a qual trata da divisão do ente em finito e infinito e da respectiva analogia desta divisão.

**Palavras-chave:** Francisco Suárez. Escolástica tardia. Metafísica

### ABSTRACT

Even in the midst of the rise of modernity and the beginning of the decline of metaphysics, the classic problems of metaphysics were increasing in Late Scholasticism, from which Francisco Suárez's efforts to systematize the scholastic thinking was highlighted. His definition of being is a genuine effort to bring unity to a large-scale metaphysical system that unfolds within his *Disputationes Metaphysicae*. In this present paper we tried to bring an overview of themes around the problem of being to introduce the reader to the reading and understanding of the Exímio, going through the problem of conceptualization and relating it to the problems of the object of metaphysics, the analogy of being and the division of the ente. Given the amplitude of what the Disputes cover, we selected what we deemed most necessary from the first three disputes and Dispute XXXVIII, which deals with the division of the entity into finite and infinite and the respective analogy of this division.

**Keywords:** Francisco Suárez. Late Scholastic. Metaphysics.

## 1. INTRODUÇÃO

O mundo moderno é lembrado principalmente pela autonomia das ciências naturais em relação às ciências do espírito, autonomia esta, nascida no período do Renascimento cultural. Os vultos históricos que contribuíram para esse ponto e a fama exercida pelos grandes pensadores do Renascimento, eclipsaram os filósofos que não aderiram aos ideais renascentistas por continuarem praticando a filosofia sob influência escolástica. Filósofos como Domingos de Soto (1494 – 1560), Tomás Caetano (1469 – 1534) e Francisco Suárez (1548 - 1617) são apenas uns poucos exemplos subestimados por estudiosos do período. Francisco Suárez, o *Douctor Eximius*, foi um dos mais importantes filósofos desse período, contando com obras sobre direito, epistemologia e metafísica.

Nascido em Granada, Espanha, no século XVI, Francisco Suárez (1548 - 1617) representa algo da tradição e da mudança: apesar da evidente vinculação ao aristotelismo tomista, propondo sistematizar o pensamento metafísico da escolástica, rompe com a forma de comentário feito a partir da estrutura da Metafísica para a forma de “disputas”<sup>1</sup> (SILVA, 2011, p.9) em suas *Disputationis Metaphisicae*. (1597/2022). Obra densa, com cinquenta e quatro disputas, propõe discutir as bases da metafísica e delimitar seu objeto por meio do confronto entre hipóteses já apresentadas por seus predecessores. Sendo assim, apesar de a finalidade ser uma propedêutica aos estudos teológicos, pois, para ele, não se pode adentrar no campo da teologia sem antes adentrar na metafísica, é uma obra crítica e interpretativa dos problemas centrais ao estudo do ser enquanto ser.

A vinculação aos problemas da escolástica e aos do aristotelismo marca esse “movimento” do qual Suárez estava inserido, a chamada Escolástica Tardia, ou segunda Escolástica. Os textos aristotélicos estavam em alta naquela época, apesar da crença popular afirmar ser Platão o mais lido no período, tornara-se seus textos, base nas universidades e continuaram em alta até o fim do século XVII. Ao longo do século XVI, o aristotelismo provocou o surgimento de muitas vertentes alinhadas a diferentes concepções e a um renascimento do

---

<sup>1</sup> Segundo Bernardo Bazán, especialista no estudo das questões disputadas, a *disputatio* é “uma forma regular de ensino, aprendizagem e pesquisa, presidida pelo mestre, caracterizada por um método dialético que consiste em apresentar e examinar argumentos de razão e de autoridade, contrapostos no contexto de um problema teórico ou prático fornecido pelos participantes, e do qual o mestre tem a tarefa de dispor uma solução doutrinal, mediante um ato de determinação que corresponde à sua função magisterial.” B. C. Bazán, “Les questions disputées, principalement dans les facultés de théologie”. In: B. C. Bazán; G. Fransen; J. F. Wippel; D. Jacquart, orgs., *Les questions disputées et les questions quodlibétiques dans les facultés de théologie, de droit et de médecine* (Turnhout: Brepols, 1985), p. 40; Cf. Bird, 2005, p. 7-34 *apud* MADUREIRA, Jonas. *Tomás de Aquino e o conhecimento de Deus: a imaginação a serviço da teologia*. São Paulo: Vida Nova, p. 54.

tomismo ainda mais forte, com a diminuição do scotismo e do nominalismo no seio das escolas de teologia e filosofia (ASHWORTH, 1995, p. 3). Sendo assim, os problemas de ordem metafísica perduraram ao longo da modernidade a partir dessas fontes, sendo Aristóteles e Tomás as mais importantes.

A importância de Suárez é tamanha, no que se refere ao conteúdo, que é considerado por P. Nicola Mônico e P.G. Mônico (1919), depois de Tomás, “a personificação mais eminente da filosofia escolástica. A sua concepção filosófica é a mais completa, a mais universal, a mais sólida depois de São Tomás, que lhe serve de ponto de partida, de base e de regra, como se pode constatar pelo exame das suas obras (1919, p.39)”<sup>2</sup>.

O primeiro filósofo a sistematizar uma ciência que trata do ser enquanto ser foi Aristóteles, em sua obra mais comentada, a *Metafísica*. O nome “*Metafísica*” não foi originalmente cunhado por Aristóteles. Acredita-se que esse título foi dado pelo filósofo Andrônico de Rodes que foi responsável pela organização das obras de Aristóteles, no século I a.C. Andrônico chamou-os de *tá metá tá physicá* (“depois da física”) para descrever a ordem pedagógica, ou epistemológica, em relação aos escritos da Física. Coincidentemente, o conteúdo da *Metafísica* tratava-se, justamente, de assuntos que ultrapassam, de certa forma, o conhecimento físico do mundo. O filósofo grego entendia que a metafísica tem seu lugar nas ciências pela existência de uma substância suprassensível, de modo que Aristóteles chega a afirmar que se esta não existisse, a Física<sup>3</sup> ocuparia o lugar da ciência primeira (REALE, 2012, p. 54).

No início da filosofia, princípio das coisas e seu fundamento eram as questões cruciais a serem respondidas pelos filósofos pré-socráticos. Por de trás de toda a aparência, de todo movimento, de todo vir-a-ser, existe alguma realidade que é estável (uma essência) e que é o fundamento (princípio do ser) das coisas mesmas? Em Sócrates o problema era iniciado com a questão da definição desta ou daquela coisa buscando o que delimitava a definição de tal objeto, tal como o Bem. Com o retorno feito por Platão aos problemas dos pré-socráticos, surge a pergunta sobre o que seria o ser desta ou daquela coisa (RICOEUR, p. 2014, p.75-76).

---

<sup>2</sup> “Il Suarez è forse dopo S. Tommaso, la più eminente personificazione della filosofia scolastica. La sua concezione filosofica è la più compiuta, la più universale, la più solida dopo S. Tommaso, il quale a lui serve di punto di partenza, di base e di regola, come si può vedere percorrendo le sue opere.” (MONACO, P; P, G, MÓNACO, 1919, p.38).

<sup>3</sup> A física que Aristóteles tinha em mente possuía estreita relação com a metafísica e difere-se profundamente da física moderna, em que a matemática tem seu lugar central.

O nome “ser (esse)” e o conceito representado por ele, possui, em sua primeira barreira, a polissemia que o termo tem na história da filosofia. Esse termo é, muitas vezes, usado como sinônimo de “ente (*ens*)”, que pode gerar certa confusão quando lemos a filosofia Antiga e Medieval. A gênese desse problema está na possibilidade de o termo “ser” ser usado nos sentidos predicativo ou existencial, usando a terminologia adotada por Nicola Abbagnano, em seu Dicionário de filosofia (2021, p.1043). Dizemos que Sócrates “é” homem, em sentido predicativo ao atribuir algo a algo; dizemos que Deus “é”, por outro lado, em sentido existencial. No entanto, a questão se torna ainda mais complexa quando os termos são analisados de forma mais minuciosa, rastreando sua gênese, o que é feito de maneira muito clara por Étienne Gilson (2016, p.16) em sua obra, “O ser e a essência”, afirma:

A palavra ‘ser’ pode ser entendida seja como um verbo, seja como um nome. Tomada como verbo, ela significa o próprio fato de que uma coisa seja; tomada como nome, ela significa ‘um ser’, a saber, qualquer uma das coisas das quais se diz que são. Essa ambiguidade não afeta todas as línguas indo-europeias, nem mesmo as latinas. Tolerada em italiano, onde se pode falar em *essere* (ser) e em um *essere* (um ser), se bem que os puristas preferiram ente (ente) a *essere* (ser) no sentido nominal da palavra, ela não existia em latim técnico, em que, principalmente a partir de Boécio, o verbo *esse* se distinguia nitidamente do nome *ens*, nem em grego, em que não era possível se confundir  $\epsilon\upsilon\alpha\iota$  com  $\tau\omicron\ \omicron\upsilon\upsilon$ , e ela não existe hoje no Inglês, em que se diferencia, não menos nitidamente, o verbo *to be* (ser) do nome *being* (ente); (GILSON, 2016, p.16)

Da anfíbolia presente na palavra “ser” foi derivada a tentativa de superá-la, apelou-se para o uso de outras palavras para tal, esvaziando-se, a partir do uso, todo o sentido que a palavra “ser” carrega. “Ser” muitas vezes é substituído imediatamente pelo verbo “existir”, mas, como quando é dito que Deus “é”, não significa simplesmente que Ele “existe”; bem como dizer que Deus “não existe” não quer dizer que Ele “não é”. (GILSON, 2016, p. 21-22). Diante disso, a pressa de julgar o problema do “ser” como algo já ultrapassado, mostra apenas que esta aporia pode ser explorada por muito tempo e sob muitos aspectos. Isso serve ao leitor de alerta sobre uso que é dado ao definir “ser”.

Em ordem de importância da metafísica na filosofia escolástica, é nas três primeiras Disputas, as quais nos detivemos com maior afinco, e na introdução na qual Suárez resume suas ideias principais sobre a metafísica, que encontramos seu objeto e o conceito de ser fundamental. Nas demais disputas ele aprofunda as questões e discute sobre as divisões do ser; sobre os entes nocionais (ou *entis rationis*); sobre a analogia do ser e etc. Isso porque o problema do ser é bastante complexo, de Platão à metafísica contemporânea, seja para desprezá-lo como conceito científico, seja para defendê-lo, o problema do ser é central nas Disputas metafísicas de Suárez.

Com a finalidade de dar ao leitor o sentido correto em que usamos o termo “ser” no título deste artigo, foi que fizemos uso dessa polissemia em nosso favor a fim de evitar que falássemos apenas do ser no sentido de “ente”. Como veremos, no entanto, Suárez argumenta que a metafísica estuda diversos aspectos do ser, apelamos, assim, à generalidade imediata que essa palavra pode ter. Pode parecer a princípio que a metafísica suarista não considera muitos modos de ser, mas apenas uma noção vaga e estreita a ser estudada pela filosofia primeira, no entanto, ela considera os modos dos seres a fim de compreender aquilo que é essencial a esta ciência superior.

O presente trabalho foi dividido em três partes: Introdução, desenvolvimento do argumento e considerações finais. A subdivisão feita na segunda parte abrange quatro tópicos: primeiro falamos sobre o ser e o objeto adequado da metafísica, abordando o problema da designação do mesmo; na segunda, foi explicitado o problema do conceito de ser e, para tanto, o uso das classificações de ente como participio e como nome, bem como sobre a distinção entre os conceitos formal e objetivo; no terceiro, achamos por bem tocar na “divisão” usual do ente em nome e participio e sua importância para entender o conceito comuníssimo de ser e, por fim, sua relação com a divisão fundamental do ser em finito e infinito e sobre a analogia do ser. Iniciamos com uma primeira leitura para ter uma ideia geral das Disputas<sup>4</sup>. Em seguida, buscamos as unidades mais representativas, recebendo auxílio dos textos da Metafísica e das Categorias de Aristóteles; dos Comentários à Metafísica por São Tomás de Aquino e à Suma Teológica do mesmo autor (quando citadas por Suárez), a fim de clarear nosso entendimento e confrontar-nos com nossa interpretação.

## 2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

O filósofo granadino recoloca o problema do objeto da filosofia primeira, assumindo previamente as posições distintas e apontando suas respectivas falhas com a finalidade de demonstrar sua posição. De acordo com ele, o objeto desta ciência é o “ente, enquanto ente real” (Suárez, *Disp.*, 1, I, 26). Essa asserção, apesar de parecer remeter-se ao aristotelismo, afasta-se dele pela presença do termo “real”, que será explicado mais adiante. Do filósofo

---

<sup>4</sup> Em nossa pesquisa, utilizamos duas edições das *Disputationes Metaphysicae*. A primeira edição que utilizamos foi a tradução espanhola com todas as 54 disputas. Cf. SUÁREZ, Francisco. *Disputationes Methaphysicae*. v.3, Madrid: Editorial Gredos, 1961. Além dessa, a recente (2022) tradução brasileira do professor Dr. Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento, com as três primeiras disputas. Cf. SUÁREZ, Francisco. *Disputas Metafísicas*. 1. Ed. São Paulo: Editora Madamu, 2022.

grego, percebe-se a importância de dar o devido escopo dessa ciência e remeter-se a ela diversas vezes na Metafísica sob diferentes aspectos, diz ele no Livro Γ (IV):

existe uma ciência que considera o ser enquanto ser e as propriedades que lhe competem enquanto tal. Ela não se identifica com nenhuma das ciências particulares: de fato, nenhuma das outras ciências considera universalmente o ser enquanto ser, mas, delimitando parte dele, cada uma estuda as características dessa parte. (Aristóteles, *Met.*, IV 1, 20-25).

Na citação acima extraída da Metafísica, Aristóteles afirma a universalíssima generalidade dessa ciência. Quando busca as causas e os princípios do “ser enquanto ser”, busca aquela realidade que é por si (*Met.*, IV). Essa realidade que é por si, é, para o estagirita, a *ousía*, ou substância<sup>5</sup>, pois é dela o sentido de ser mais próprio, mais fundamental, e do qual todos os outros se referem. Por isso é dito por ele que o ser pode ser dito de quatro modos nos quais eles subsistem: ser como acidente; o ser como verdadeiro e o não-ser como falso; o ser como ato e potência e o ser como substância e acidente.

A noção de ser, ainda em Aristóteles, considerando seus múltiplos significados, os quais são estudadas na metafísica e que se concretiza no “ser primeiro”, a substância (οὐσία), no qual todos os outros modos de ser são ditos e apreendidos. A fim de melhor entender a questão, diz Aristóteles ainda no livro IV (1, 20-30): “Todavia, a ciência<sup>6</sup> tem como objeto, essencialmente, o que é primeiro, ou seja, aquilo de que depende e pelo que é denominado todo o resto. Portanto, se o primeiro é a substância, o filósofo deverá conhecer as causas e os princípios da substância.” No entanto, esse objeto sofre mudança em Suárez.

## 2.1 O SER E O OBJETO PRÓPRIO E ADEQUADO DA METAFÍSICA

Os conceitos fundamentais do aristotelismo são retomados por Suárez que os utiliza para fundamentar e propor sua própria interpretação sobre qual seja esse princípio e objeto da filosofia primeira. O critério que ele usa para determinar o objeto de uma ciência é que esse deve se manifestar naquilo “cujas propriedades mais comuns se demonstram por si e imediatamente nesta ciência” (Suárez, *Disp.*, I, 1). Mas que propriedades mais comuns são essas? Ao analisar na primeira disputa as respostas dos seus predecessores, Suárez demonstra o porquê de os entes de razão<sup>7</sup> serem excluídos do objeto desta ciência e, no mesmo argumento, explica que estes caem na consideração da metafísica, não como parte do seu *objectum adequatum*, mas como aquilo que é necessário para a compreensão do mesmo. É tornado manifesto essa opinião quando analisa a questão dos entes nocionais

<sup>5</sup> A *ousía*, como o próprio Aristóteles define, é “na acepção mais fundamental, primeira e principal do termo, diz-se daquilo que nunca se predica de um sujeito, nem em um sujeito, por exemplo, este homem ou este cavalo” (Aristóteles, *Órganon*, I, 2 a, 5).

<sup>6</sup> O termo “ciência”, aqui, não se refere a qualquer noção moderna. Sendo assim, quando Aristóteles usa esse termo ele está fazendo referência à própria filosofia primeira.

<sup>7</sup> Entes de razão (*ens rationis*) ou entes nocionais.

(entes de razão), motivo pelo qual ele exclui a noção de “ser real em toda sua extensão” como objeto próprio e adequado da metafísica, diz ele:

Nem é necessário que tudo que é de algum modo considerado numa ciência esteja contido diretamente sob seu objeto adequado, pois, há muito que é considerado de passagem, por certa analogia ou redução ou para que, por meio do conhecimento disto, o próprio objeto seja mais esclarecido, ou porque, conhecido o objeto, os demais são conhecidos por analogia com ele e, talvez, não possam ser conhecidos de outra maneira (Suárez, *Disp.* 1, I, 6).

Das opiniões distintas sobre esse objeto, ao analisar a que considera o ente em toda sua extensão, entraria os *entia rationis*, que não possuem existência real, mas apenas na mente. No entanto, é certo que os entes de razão são estudados na metafísica, mas, mesmo assim, Suárez os elimina, pois, sua função é apenas tornar possível o estudo do conhecimento do ente real. Sua proporcionalidade com os entes reais valida seu estudo, mas não como estudado por si mesmo, mas para que seja possível conhecer as propriedades dos entes reais (Suárez, *Disp.* 1, I, 7). Além deste, ele exclui de seu objeto adequado, tanto a Deus, quanto aos entes *per se* e *per accidens*.

Primeiro, é negado a Deus ser objeto adequado desta ciência, por ele não poder ser em comum, na mesma ciência, com os entes criados (Suárez, *Disp.*, 1, I, 18)<sup>8</sup>. Como objeto principal, Deus e os entes criados, materiais e imateriais, caem sob o objeto desta ciência, mas não como objeto adequado. Segundo, da mesma maneira, Suárez não considera nem o *ens per se* nem o *ens per accidens* como alternativas viáveis como objetos adequados da filosofia primeira.

Apesar de a metafísica ser a mais alta entre as ciências, a mais superior em seu objeto<sup>9</sup>, não por isso seja, Deus, por ela tomado como objeto principal e adequado. Tomando Tomás como fundamento, há princípios no conhecimento humano que são como uma luz que ilumina os olhos da mente (MONACO, 1919, p. 38). Esses princípios se exercem por via negativa para alcançar o conhecimento de Deus, mas de forma indireta, por meio do contraste entre as características existentes nos seres criados materiais para atingir os imateriais, criado e incriado, por isso diz o Exímio que “[...] o discurso natural, não atinge Deus, na medida em que é em si” (Suárez, *Disp.* 1, I, 11). Diante disso, Deus não pode ser atingido, pela luz natural da inteligência através das criaturas, daí não ser objeto adequado desta ciência.

Nas Disputas, a substância enquanto substância também surge como alternativa para o problema do objeto da filosofia primeira. Na medida em que se prescinde da materialidade

<sup>8</sup> Deus tendo o seu ser em maior consideração, perfeição e excelência em relação aos demais seres, não há sentido em falar, de ambos, a um só tempo, sob a mesma consideração, seres tão distintos em perfeição.

<sup>9</sup> Ver: *Disp.*, 1, I, 9.

e imaterialidade (e da finitude e infinitude) esta poderia ser objeto adequado desta ciência (Suárez, *Disp.* 1, I, 21). A argumentação apresentada por Suárez contra essa proposição foi a demonstração de uma premissa oculta nesse pensamento, de que a razão objetiva da substância deveria ser mais abstrata que ela mesma a fim de incluir nela todo ser e a si mesma:

Portanto, a noção de substância não pode, como tal, ser a noção adequada do objeto desta ciência, pois não contém sob si a noção do ente, como tal, mas antes está contida sob esta. Assim como esta noção é, de acordo com o conceito e objetivamente, diversa da noção de substância e se estende mais do que esta, tem igualmente princípios e atributos mais universais e abstratos (Suárez, *Disp.* 1, I, 23).

A substância, assim, em contrário ao expediente aristotélico, não poderia ter a abstração tal que conseguisse manter sob seu objeto todos os modos dos seres e apreender a si próprio como objeto.

Eliminadas as possibilidades através da *reductio ad absurdum*, resta a alternativa proposta por Suárez como objeto adequado desta ciência: o ente, enquanto ente *real*. Este seria, “neste grau de abstração”, “algo que está incluído por si e essencialmente em todo ente e em todo modo ou propriedade” (Suárez, *Disp.*, 1, I, 27). Essa extensão cabe a todos os entes reais, isto é, a todos os entes que possuem uma essência real independentemente de existirem atualmente. Aqui se inclui, também, Deus, as substâncias materiais, as imateriais e os acidentes reais (FRAILE, p.369, 1971). Mesmo não sendo Deus o objeto adequado dessa disciplina, goza de ser o objeto principal e com prioridade na relação com os seres criados.

## 2.2 DO CONCEITO FORMAL E OBJETIVO

A tentativa de explicar o conceito de ente parte do esforço de fazer aparecer ao sujeito cognoscente aquilo que é o mais real que se pode conhecer, aquilo que a tudo liga e demonstra que algo há de estável, perene, na realidade das coisas. Assim, o ente recebe diversas explicações. Como vimos, Suárez designa como objeto adequado da metafísica o ente em uma abstração tal, que inclui tudo aquilo que está incluído nos entes e em suas propriedades (Suárez, *Disp.* 1, I, 26). Mas como se dá esse conceito? Seria uma mera univocidade, analogia ou equivocidade? Aristóteles fala de uma multiplicidade de sentidos do ser, ele diz no livro VI da Metafísica que: “O ser, entendido em geral, tem múltiplos significados: [...] é o ser accidental; outro é o ser como verdadeiro e o não-ser como falso; ademais, existem as figuras das Categorias (por exemplo a essência, a qualidade, a quantidade, o “onde”, o quando e todas as outras); e, ainda, além destes, existe o ser como potência e ato.”

Diante disso, como pode ser dito o “ser”, e não, “seres”, tendo em comum apenas o nome? De acordo com Aristóteles, essa multiplicidade, apesar de não ser designada univocamente, sempre se refere a um princípio, pois: “algumas coisas são ditas ser porque são substâncias, outras porque afecções<sup>10</sup> da substância, [...] ou porque são corrupções, ou privações, ou qualidades, ou causas produtoras ou geradoras tanto da substância como do que se refere à substância [...]” (Aristóteles, *Met.*, IV, p. 133). No entanto, como vimos, apesar de a substância estar sob o objeto adequado da metafísica, o ente como objeto próprio e adequado é muito mais abrangente do que o ser como substância. Distanciando-se de Aristóteles ao reinterpretar o problema, Suárez (*Disp.*, 2, II, 22) diz que o ser “não significa imediatamente a substância ou o acidente, nem outros gêneros ou entidades simples segundo suas razões próprias, mas o conceito objetivo de ser enquanto tal, e nesta razão os gêneros ou entidades em que se verifica.”

Na tentativa de clarear essa questão o Doutor Exímio (*Disp.*, 2, I) utiliza-se de uma distinção comum, em sua época, e retomada por Descartes (RENZI, 2011, p.3), que é a existente entre conceito formal e objetivo. Ao que parece, ao menos até aqui, Francisco Suárez indica uma certa univocidade na concepção de ente, a qual parece abranger de maneira abstrata e, conseqüentemente, de maneira comum, todos os entes. Nessa disputa ele analisa se o ente enquanto ente tem ou não, em nosso entendimento, um conceito formal. O referido conceito, ele define, como aquilo que representa de maneira formal o entendimento, ou ainda, “o ato ou verbo com que o entendimento concebe uma coisa ou uma razão comum. (Suárez, *Disp.*, 2, I, 1). É chamado “conceito”, não no sentido da verbalização linguística de uma representação, mas o próprio ato da concepção mental. Dada a concepção mental ser a forma da mente, daí, conceito formal, que Ríos (1997, p. 721) interpreta a ideia de conceito formal como “o sentido de uma palavra” e, diz ainda que “O conceito formal é aquilo através do que uma voz, um som vocal, se torna algo denotante, ou seja, aquilo, através do que é atribuído por convenção um sentido a um som vocal” (RIOS, 1997, p. 721). Ainda de acordo com ele, sendo o sentido preexistente ao som que a palavra “vaca”, por exemplo, denota, não haveria *significatio* sem o conceito formado a partir dessa interpretação.

O conceito de ente que o Exímio descreveu como o objeto da metafísica, ou seja, o conceito objetivo deste, seria a “coisa ou razão que, própria e imediatamente, se conhece ou é representada por meio do conceito formal” (Suárez, *Disp.*, 2, I, 1). Por exemplo, quando, no ato da concepção da razão de “homem”, constitui um conceito formal; o homem como representação no ato de concepção é, justamente, o conceito objetivo. No entanto, a

---

<sup>10</sup> Afecções – Como explicado por Aristóteles (*Met.* V, 1002 b 15), é um atributo por meio do qual os seres podem sofrer alterações.

designação de “conceito” para o conceito objetivo vem, não por si, mas da relação estabelecida com o conceito formal. Nesse sentido, o conceito formal age como primeiro analogado do qual a atribuição de “conceito”, ao conceito objetivo, é recebida através da analogia de atribuição extrínseca, a qual será explicada mais adiante (Ibid., 2, I, 1). Além disso, Suárez afirma que eles se diferem, ainda porque:

o formal é sempre algo verdadeiro e positivo, sendo também nas criaturas uma qualidade inerente à mente; pelo contrário, o conceito objetivo nem sempre é algo verdadeiramente positivo. De fato, às vezes concebemos privações e outras coisas, que são chamadas de entes de razão, porque objetivamente existem apenas no entendimento. (Suárez, *Disp.*, 2, I, 1)

Como o conceito formal, citado acima, é um ato do entendimento no qual algo é concebido, este não tem como ser algo múltiplo, não verdadeiro e negativo, pois é um evento singular que ocorre no entendimento das criaturas. Por outro lado, o conceito objetivo, pode, ou não, ser algo verdadeiro e positivo. Às vezes concebemos privações e negações como se fossem ser; por exemplo, para concebermos o “não-ser”<sup>11</sup>, dizemos que “é não ser”, como lembra Aristóteles em *Met.*, IV, 2, 1003 b 5-10. Como o não-ser é privação de existência, não tem “realidade” fora da mente, não sendo, portando, algo verdadeiramente positivo. A extensão da relação entre esses dois conceitos progride juntos, pois o objetivo acompanha, de certa forma, o conceito formal. Mas como isso acontece?

Quando concebido na mente, ao conceito formal de ser não corresponde uma multiplicidade de conceitos formais de outras coisas, que se integram, mas a um conceito uno e simplíssimo. Na segunda disputa, ele afirma claramente que “(...) o conceito formal próprio e adequado de ente como tal é uno, discernido, quanto à coisa e a noção, dos outros conceitos formais das outras coisas e objetos.” (Suárez, *Disp.*, 2, I, 9). A prova dada por ele para essa unidade está no ato gnosiológico no qual conhecemos as coisas:

Com efeito, ouvido o nome ‘ente’, experimentamos que nossa mente não se dispersa nem divide em vários conceitos, mas antes recolhe-se em um [...]; ora, a palavra ‘ente’ é una, não apenas materialmente, mas tem também uma única significação, por uma imposição primeira, por força da qual não significa imediatamente alguma natureza sob uma noção determinada e própria, sob a qual se distinga de outras (Ibid., 2, I, 9).

Ao experimentarmos essa unidade a partir do nome, cabe a questão: se esse conceito está se referindo somente ao nome ou a coisa designada por ele, afinal, o signo linguístico é, de certa forma, significado de maneira artificial, ou não. No entanto, essa informação estaria longe da verdade. Isso é assim pois, o conceito, assim como dissemos, preexiste ao nome,

---

<sup>11</sup> Tomás de Aquino, em seus *Comentários à metafísica de Aristóteles*, nos auxilia a entender essa questão, ao tratar sobre os quatro modos em que o ser é predicado, diz Tomás: “Primeiro, o que é debilíssimo, só existe na razão, a saber, a ‘negação’ e a ‘privação’, que dizemos ‘ser’ na razão, porque a razão lhe nega certo ‘ente’, então, afirma e nega algo dele” (Tomás de Aquino, *Com. Met. de Arist.*, IV, 1, 1).

como diz ele, por ser aquele *imago ipse conceptio formalis*<sup>12</sup> (*Disp.*, 2. II. 11) formada no ato abstrativo.

“Donde, não significar também vários na medida em que são vários porque não os significa na medida em que diferem entre si, mas antes na medida em que reúnem ou são semelhantes” (Suárez, *Disp.*, 2. I. 9).

O hábito em que, na mente, esse processo ocorre, unindo em uma concepção os semelhantes que, na própria coisa, são distinguidos, é a abstração (Ibid., 2, I, 10). Como mostrado por Frederick Copleston (2022, p.323) em sua obra *Uma história da filosofia*: “No conceito de ser enquanto tal, a mente trabalha somente com a semelhança entre as coisas, e não com a diferença entre elas” (COPLESTON, 2022, p. 335). O próprio Aristóteles (*Met.*, VI, 4, 1027 b 28-32) afirma a importância do princípio abstrativo no conhecimento metafísico: “[...] a união e a separação estão na mente e não nas coisas, o ser entendido nesse sentido é diferente daquele dos significados eminentes do ser.”

Constantino Spósito (2004, p.34), no artigo *Ens, essência, Bonum em la metafísica de Francisco Suárez*, problematiza o lugar de Deus, e sua relação com os demais, ao proceder essa abstração, comprometendo a possibilidade de pensar os seres, pois, ao abstrair o dado, a metafísica poderia prescindir de Deus para pensar o ente. Contudo, o próprio Spósito nota a importância de Deus no sistema suaresiano, pois, “Como princípio extrínseco a eles, é uma causa real; como objeto principal, sustenta o princípio formal da *noesis*, ou seja, a inconsistência lógica. A ‘cognoscibilidade’ torna-se assim a medida da relação com Deus, considerado não mais como Deus, mas como ser – aquele ‘supremo’, de fato” (ESPÓSITO, 2004, p.34)<sup>13</sup>.

O conceito de ente, a medida em que é ente real, formado no ato abstrativo, apresenta outro problema, na Disputa II, 3, que diz respeito ao discernimento (ou não) dessa noção nos seus inferiores. Dito de outro modo, nas coisas reais, a noção de ente precede o ato de intelecção ou não? Suárez analisa quatro possibilidades e dá um veredito: a noção do ente não é concebida discernidamente nos inferiores em que existe.

### 2.3 O ENTE TOMADO PARTICIPIALMENTE E NOMINALMENTE

---

<sup>12</sup> A própria imagem é um conceito formal.

<sup>13</sup> Tradução do original: “Como principio extrínseco a ellos es causa real; como objeto principal de ellos sustenta el principio formal de la noesis, es decir, la contradictoriedad lógica. La «cognoscibilidad» se convierte así en la medida de la relación con Dios, considerado no ya en tanto que Dios, sino en cuanto ente -aquel «supremo», ciertamente.”

Todos os temas tratados pelo Exímio, em algum lugar se tocam e dão sustentação a sua argumentação. Quando é questão do ser, ou ente, é tratado, é necessário para saber do que está sendo falado, saber se o que designamos por esse nome seria, ou não, uma mera equivocação. Ou seja, quando falamos “ente”, falamos da mesma maneira que podemos falar de homem individual e “homem” em uma pintura? Dito de outro modo, podemos falar em “ente”, tendo em comum entre as diferentes coisas apenas o nome? Para evitar essa equivocação Suárez faz uso da distinção, já existente em sua época, entre ente como nome e como particípio (SANZ, 1989, p. 24).

Domingo de Soto, citado por Suárez, considera que o particípio do verbo “ser” (esse) é expresso pela forma ente (*ens*), significando aquilo que é ato ou potência. Desse modo, ao expressar esses dois modos de ser, apenas exprime o ser ou a existência, não sendo predicado, assim, *quiditativamente* das coisas (Suárez, *Disp.*, 2, IV, 2). O que é predicado de modo a expressar o *quid* de uma coisa, é expressão do ser (esse); o ente, por sua vez, expressa apenas a aptidão para ser, de acordo com Soto. Por este motivo, o ente só predica o *quid* em relação a Deus, não em relação às criaturas<sup>14</sup>. Dado esse problema fica difícil escapar da equivocação do termo “ente” em relação a Deus e as criaturas. Suárez viu na distinção entre ente como particípio e como nome, feita por Pedro da Fonseca (1528 – 1599), o “Aristóteles português”, a solução para essa questão.

O existente em ato é representado no ente quando tomado como particípio do verbo “ser”. É “o ato de ser como exercido” (*Disp.*, 2, IV, 3). Por outro lado, como nome, é expressão formal da essência<sup>15</sup> (*quid*) da coisa, o próprio ser (ente real), existindo ou não, em ato. O ente tomado como nome, possui essência real, ou seja, aquela que tem aptidão para existir, mas não são entes ficcionais, sendo provado isto, por Suárez, porque não seria possível uma explicação melhor (*Disp.*, 2, IV, 4). No entanto, sendo Deus “ato puro”, como poderia se dar um conceito unívoco (em algum grau) com as criaturas, que podem ou não existir atualmente? Ou ainda, quando é dito “homem”, estaria em equivocidade com a essência de homem, existente ou não, e um homem com existência atual?

“[...] ‘homem’, que corresponde a esta palavra, representa igualmente tanto o homem existente quanto o homem possível; não há, portanto, aí, uma significação equívoca; logo, dá-

---

<sup>14</sup> O Exímio produz uma análise fundamental sobre a extensão do conceito de ente e a relação estabelecida na divisão entre o ente criado e o incriado na Disputa XXVIII, em que disputa sobre a realidade dessa divisão no ente. Essas divisões no ente podem ser meramente artificiais e não representar, adequadamente no entendimento, a realidade do ente de acordo com o objeto da metafísica. Apesar de falar sobre Deus e as criaturas, Suárez deixa claro que na devida Disputa tratará de assuntos teológicos, mas que, nesta em questão, por Deus também estar sob o objeto da metafísica, Ele é estudado nos termos da filosofia primeira.

<sup>15</sup> De acordo com Tomás de Aquino, a essência de algo é “aquilo que é significado pela definição da coisa” (Tomás de Aquino, *Ent. Ess.* 2. 12).

se proporcionalmente o mesmo sobre o ente, tomado sob aquela dupla noção ou significação e sobre o conceito que lhe corresponde” (Suárez, *Disp.*, 2, IV, 8). No entanto, ainda de acordo com ele essa dupla noção não está dividindo um conceito comum, mas demonstrando um conceito mais ou menos preciso. O ente como nome, que prescinde da existência atual, não estaria negando, mas abstraindo dela precisamente. Desse modo, quando Suárez toma essa acepção, não significa o ente em potência “na medida em que privativa ou negativamente opõe-se a ente em ato”, conclui Suárez a problemática:

Com efeito, assim como a abstração que prescinde é distinta da negativa, igualmente ‘ente’, tomado nominalmente, embora expresse precisamente ente tendo essência real, não acrescenta negação. Isto é, a de carecer da existência atual, a qual negação ou privação, o ente em potência acrescenta. O que é também abertamente manifesto, a partir daí, pois ‘ente’, tomado com força de nome, é comum a Deus e às criaturas e pode verdadeiramente ser afirmada de Deus (Suárez, *Disp.*, 2, IV, 11).

O ente com essência real, visto de maneira positiva e a posteriori, sempre haverá de apresentar efeitos reais e propriedades reais. Além disso, é essência real toda essência que possa ter sido criada por Deus e está presente em um ser atual (Suárez, *Disp.*, 2, IV, 7). Em resumo, essa noção de essência real pode ser entendida, no fim, como aquela essência com aptidão para existir realmente (Ibid., 2, IV, 7). Dito isso, não pode ser tomado o sentido participial de ente para se referir, tanto para Deus, quanto para as criaturas, visto que o ente real é um conceito comuníssimo. Isso é assim porque ente (tomado participialmente) só exprime a quiddidade no caso de Deus. No entanto, ente como nome pode ser afirmado tanto de Deus como das criaturas (Ibid., 3, IV, 11).

## **2.4 DA DIVISÃO DO ENTE EM FINITO E INFINITO E O PROBLEMA DA ANALOGIA**

A consideração sobre Deus e as criaturas é constante nas Disputas de Suárez, sendo ainda mais estreita nesse aspecto. Entretanto, a própria designação de categorias diferentes no âmbito do ente não seria uma artificialidade superável? Em relação direta com a denominação do ente em nome e participio, a divisão do ente também é uma problemática fundamental abordado por ele, tomando a segunda parte principal da obra (Suárez, *Disp.*, 38, I). É entendido por Suárez, existir uma divisão fundamental no ente que não afeta o conceito objetivo deste, que é a divisão do ente em finito e infinito (*Disp.*, 38, I, 1). No modo de conceber um conceito, em virtude de encontrar o objeto adequado da metafísica, Suárez dividiu, não o ente, mas o conceito; em virtude de encontrar o adequado sentido, a fim de esclarecê-lo, apresentou-nos os sentidos possíveis. Contudo, aqui a divisão é da própria natureza do ente.

A prova que Suárez dá ao problema tem fundamento no ato de conhecer, afinal, como poderia ser pensado o ser fora de Deus e das criaturas<sup>16</sup>? (*Disp.*, 38, I, 3). Todavia, fora isso, a divisão parece não ser tão evidente, pois, aos nossos sentidos, a divisão entre Substância e Acidente nos parece ser mais imediata<sup>17</sup>, mais óbvia (*Ibid.*, 38, I, 5). Sabendo, porém, que o fundamento de todas as divisões vem daquela que é mais fundamental, e imediata, não segundo os sentidos, mas segundo a razão, mostra-se quão notável e real é esta divisão. Não apenas isto, mas também o fato de que o ente finito e o infinito possuem uma distância que impede a indistinção, é outro motivo para preservar a ideia de que tal divisão é necessária<sup>18</sup>.

Dado o devido esclarecimento dos conceitos de ente formal e objetivo, a relação entre eles pode ser exibida, agora, sem risco de não termos tentado esclarecê-la. Existindo o conceito formal de ente, há de existir um conceito objetivo de ente, diz Suárez, justificado pelo processo de concepção desse conceito na mente, o qual já descrevemos. Sendo assim, o conceito objetivo não é nada mais que “o próprio objeto, como conhecido ou apreendido” (Suárez, *Disp.*, 2, II, 3) pelo conceito formal, através do qual é imediatamente apreendido como objeto pelo conceito formal (Suárez, *Disp.*, 2, II, 7). Isso não quer dizer uma correspondência simultânea, mas uma subordinação do conceito objetivo ao formal, pois o objetivo é dito conceito apenas por *denominationem extrinsecam*<sup>19</sup> (Suárez, *Disp.*, 2, I, 1).

De acordo com Caetano (1469 – 1534) existem três tipos de analogia<sup>20</sup>, sendo a de atribuição extrínseca a existente entre Deus e as criaturas (COPLESTON, 2022, p. 317), por exemplo, as criaturas só são denominadas boas, pela relação estabelecida entre o criador (primeiro analogado) e elas (segundo analogado). Da mesma forma, Suárez se utiliza dessa analogia para explicar a relação pela qual o conceito objetivo é dito “conceito” por conta da relação estabelecida entre ele e o formal. Se existe um claro uso da analogia não seria afetada na unidade desse conceito? Na verdade, não, pois a defesa da analogia não implica na negação dessa unidade (Suárez, *Disp.*, 2, II, 36), pois, como afirma o Exímio, não é necessário negação de ambas “porque, para a univocação não basta que o conceito em si seja de algum modo uno, mas é necessário que diga respeito a muitos com igual referência e ordem, o que o conceito de ente não tem [...]”

---

<sup>16</sup> Nas Disputas Francisco Suárez trata das provas da Existência de Deus, sendo assim, diante da argumentação oferecida por ele, Deus é um ponto de partida lógico.

<sup>17</sup> Quando apreendemos um determinado ser, ao captar sua forma, por exemplo, a de um cavalo, captamos primeiro sua substância e seus acidentes. Ou seja, captamos aquilo pelo qual podemos definir sua essência e aquelas características não essenciais (a cor, por exemplo).

<sup>18</sup> Necessário em sentido lógico.

<sup>19</sup> A *Denominationem extrinsecam* é um dos tipos de analogia existente analisada por Suárez.

<sup>20</sup> De desigualdade; atribuição extrínseca e a metafórica.

Segundo a leitura do problema feita por Guilherme de Fraile, o conceito de ser pode ser tanto unívoco quanto análogo em Suárez:

o conceito de ser é unívoco se se trata de seres criados que não dizem entre si relação de dependência, pois suas diversidades ficam como englobadas no conceito abstrato e confuso de ser. Mas, quando se trata da comparação do ser de Deus a respeito das criaturas, baseada na relação de dependência ontológica intrínseca e essencial destas a respeito de Deus, neste caso não pode haver univocidade, nem tampouco equivocidade, mas que tem de haver analogia. No entanto, não basta a simples analogia de proporcionalidade (Caetano), mas que há de ser uma analogia de atribuição intrínseca, a qual sublinha a dependência ontológica (intrínseca) das criaturas a respeito de Deus (FRAILE, 1971, p. 373-374).

Como se vê, o ente pode ser afirmado tanto de Deus como das criaturas (como foi visto no tópico anterior), mas, na própria relação, surge novamente o problema da analogia, equivocidade ou univocidade do ente. De imediato, Suárez apresenta (*Disp.*, 38, III,1) e rechaça a equivocação, afinal, o nome de ente não é aplicado às criaturas e à Deus por “mero azar ou casualidade, mas em atenção a certa semelhante, proporção ou conveniência entre eles” (Suárez, *Disp.*, 38, III,1). Citando o Aquinate, Suárez demonstra a fragilidade da equivocação, por meio de um expediente certo na escolástica, porém imperfeito, a possibilidade de conhecer Deus: se tivessem em comum apenas o nome, não seria possível saber nada de Deus por meio das criaturas (Suárez, *Disp.*, 38, III,1). Mediante o contexto que o conhecimento de Deus tinha na escolástica, não é de se espantar que a própria exclusão da possibilidade desse conhecimento seria suficiente para rechaçar qualquer conhecimento que nega tal possibilidade. Destacando de outro modo, Thompson (1995, p.355), diz que:

“É, para Suarez, absolutamente insustentável, pois a relação de criação, que liga Deus e as criaturas, requer pelo menos alguma *similitudo vel proportio* entre eles. Para Suarez, a distância infinita entre Deus e as criaturas não é, por si só, razão suficiente para negar qualquer semelhança”<sup>21</sup>

Também a univocidade do ente, tese defendida pelos scotistas, não é aceita em absoluto pelo Exímio, pois existe uma distinção nos modos de predicação entre o ser de Deus e o das criaturas, a *ratio absoluta entis* e a *ratio communis entis*. A primeira, ele toma como idêntica entre Deus e as criaturas, coisa que não acontece com a segunda (THOMPSON, 1995, p.356), pois, ainda de acordo com Thompson (1995, p. 356): “Suarez distingue *ratio conceptus* de *ratio nominis* e declara que não se pode argumentar de um único conceito para um único modo de predicação.”

---

<sup>21</sup> Tradução do original: “It is, for Suarez, absolutely untenable, since the relation of creation, which links God and creatures, requires at least some *similitudo vel proportio* between them. For Suarez, the infinite distance between God and creatures is, of itself, not a sufficient reason to deny all similarity.” (THOMPSON, 1995, p. 355).

Concentrando a maior parte de sua argumentação da *Disp.*, 38, III, ele passa a analisar a própria analogia como a alternativa viável, retomando aquela distinção ternária proposta por Caetano (1469 – 1534), examinando entre a de proporcionalidade ou a de atribuição a existente no ente com respeito a divisão proposta. A primeira é aquela em que o analogado que recebe a denominação de um primeiro, é denominado de forma não absoluta, só recebendo a designação por conta da relação de proporção com o analogado principal (*Disp.*, 38, III). A segunda, a de atribuição, chamada de atribuição extrínseca, é a existente entre Deus e as criaturas, segundo Caetano (1469 – 1534), a denominação a partir da forma de algo não é predicado desse algo de maneira própria e intrinsecamente, como quando se diz “saudável” tanto da urina saudável quanto da medicina (Suárez, *Disp.*, 38, III).

A rejeição que Francisco Suárez faz do primeiro tipo de analogia, faz reduzindo todas as analogias de proporcionalidade à metafóricas<sup>22</sup>:

“Toda verdadeira analogia de proporcionalidade inclui algo de metafórico e impropriedade, do mesmo modo que ‘rir’<sup>23</sup> se predica do prado por aplicação metafórica” (Suárez, *Disp.*, 38, III, 11).

Pelo fato de a criatura ser ente verdadeiramente, absolutamente e propriamente, qualquer sentido metafórico ao ser é desprezado, ficando apenas a analogia de atribuição, mas qual? Quando uma coisa é nomeada por outra por atribuição a uma terceira, o fato se dá de duas maneiras:

A primeira é quando a forma denominativa está intrinsecamente em apenas um dos extremos, enquanto nos demais está apenas por relação extrínseca, do mesmo modo que se diz “saudável” absolutamente do animal, e da medicina por atribuição ao animal. A outra, quando a forma denominativa está intrinsecamente em ambos os membros, embora esteja absolutamente em um e no outro em relação ao outro, assim como o ser se predica da substância e do acidente; com efeito, o acidente não é denominado entidade extrinsecamente por derivação da entidade da substância, mas devido à sua entidade própria e intrínseca, que é de tal natureza que consiste inteiramente numa relação com a substância (Suárez, *Disp.*, 38, III, 14).

Não pode haver denominação extrínseca do ente infinito para o finito, isso não quer dizer que os entes finitos existam de maneira independente do Criador, mas que possuem, ambos a forma que se atribui o nome “ser” a ambos intrinsecamente. No entanto, a relação estabelecida entre Deus e as criaturas é por participação do ser que existe essencialmente, apenas em Deus (Suárez, *Disp.*, 38, III, 17). De modo diferente acontece na univocidade, em que há uma espécie de indiferença e não subordinação entre os membros que compartilham o nome, descende aos inferiores de maneira igual (Suárez, *Disp.*, 38, III, 17). Assim, entre o

---

<sup>22</sup> Caetano divide a analogia de proporcionalidade em metafórica e não metafórica

<sup>23</sup> Quando é dito “o prado está rindo”, ou “o prado risonho” é predicação metafórica, não própria. Quando dizemos o mesmo do homem, esta predição é própria a este e não metafórica;

Ser infinito e finito, é por virtude intrínseca dos seres, concebidos abstratamente e de maneira confusa, que há essa dependência em relação ao ser infinito.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude das noções introdutórias que foram levantadas sobre o problema do ser na metafísica de Francisco Suárez, é importante destacar dois aspectos importantes: o distanciamento da noção de metafísica defendida por Aristóteles e por Tomás de Aquino. No entanto, Suárez entende isso muito mais como uma reinterpretação desses mestres do que, propriamente, uma tentativa de refutação da doutrina deles. O ser passou a exercer um papel ainda mais importante em Suárez por conta de ele ter despertado uma maior autonomia sobre o problema ontológico na metafísica, por isso o fato de Heidegger (*apud* OLIVEIRA, 2010, p. 44) tê-lo considerado de maneira tão distinta como o fundador da filosofia moderna (*apud* OLIVEIRA, 2010, p. 44).

Além dessa observação histórica, a complexidade dos conceitos propostos por Suárez revela a importância a ser dada, aos seus escritos metafísicos, ainda mais atenção. A clara relação entre os conceitos formal e objetivo de ente e entre o ser como partícipio e como nome abre-nos para o problema da analogia do ser, que é o fundamento da divisão de suma importância defendida por ele, aquela que divide o ente em finito e infinito. Apesar de não ser objeto próprio da metafísica, é Deus seu objeto principal e fundamento último da realidade do ser criado, sem o qual este último não poderia, nem mesmo, ser pensado adequadamente. Como abordado por nossa breve introdução ao problema, univocidade somente é designada entre os entes criados, na relação estabelecida entre Deus e as criaturas, Suárez entendeu que existe uma analogia de atribuição intrínseca (*Disp*, 38, III, 14).

Ao se atribuir ao ser de Deus e das criaturas o nome de ente, superou a resposta de Tomás Caetano (1469 – 1534) ao problema, o qual propunha uma atribuição extrínseca na concepção de ente. Em Francisco Suárez, a opção pela atribuição intrínseca respeitou a lógica interna de seu sistema, mantendo a unidade do conceito objetivo de ente que é uno. Isso é claro pelo fato de que na atribuição extrínseca não existe um conceito propriamente comum em todos os análogos, mas apenas no primeiro analogado; já na analogia de atribuição intrínseca, todos compartilham do mesmo conceito formal e objetivo.

Os aspectos apresentados aqui podem dar um vislumbre ao leitor das nuances das questões presentes nas 54 Disputas da obra de Suárez. Muitos outros problemas foram voluntariamente suprimidos que podem ser estudados em outras oportunidades, mas aquilo que foi exposto, deve ser suficiente para conhecer as bases para um estudo posterior sobre Suárez. As causas, o possível, os acidentes e as substâncias cobrem grande parte das

Disputas, mas encontraram seu lugar neste artigo apenas de passagem, deixando o foco no problema do conceito de ente e sobre o objeto da metafísica.

#### 4 REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- AQUINO, T. *O ente e a essência*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Comentário à metafísica de Aristóteles*. Campinas: Vide editorial, 2017.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*. v. 2, São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Órganon*. v. 1, Lisboa: Guimarães Editores, 1985.
- ASHWORTH. Late Scholastic: philosophy introduction. p.1-18, 1995.
- BRIESKORN, Nobert. Pensar a substância em Francisco Suárez. *Veritas*, Porto Alegre, v.54, n.3, p.128-141, 2009.
- COPLESTON, Federick. *Uma história da filosofia Do Renascimento a Hume*.v.2, Campinas: Vide Editorial, 2022.
- CEZAR, Ribas Cesar. A causa final nas Disputas metafísicas de Francisco Suárez. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 42, p. 93-114, 2019.
- ESPÓSITO, Constantino. Ens, essentia, Bonum em la metafísica di Francisco Suárez. *Azafea: Revista de filosofia*, Salamanca, v. 6., p.29-47, 2004.
- FRAILE, G. *Historia de la filosofía spanhola: desde la época romana hasta fines del siglo XVII*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1971.
- GILSON, Étienne. *O ser e a essência*. São Paulo: Paulus, 2016.
- \_\_\_\_\_. *A filosofia na Idade Média*: São, Martins Fontes, 2020.
- MADUREIRA, Jonas. *Tomás de Aquino e o conhecimento de Deus: a imaginação a serviço da teologia*. São Paulo: Vida Nova, 2021.
- MONACO, P. NICOLA; MONACO, P.G. La metafísica di Suarez e la metafísica di S. Tommaso D'Aquino. *Revista di filosofia Neo-scolastica*, v.11., n. 1, p. 37-65, 1919.
- OLIVEIRA, Juliano de Almeida. Francisco Suárez: A Metafísica na aurora da Modernidade.v.2, n. 4, 2010.
- REALE, Gioavnni. *Introdução à Aristóteles*. São Paulo: Contraponto. 2012.
- RENZI, Fabrízio. L'unità dell'ente e l'intimità della sua trascendenza in Francisco Suárez. *Aquinas*. v. 3, 2011.

RICOEAUR, P. *Ser, essência e substância em Platão e Aristóteles*. São Paulo: Matins Fontes, 2012.

RIOS, André Rangel. A questão dos universais: Suárez e o nominalismo. *Veritas*. Porto Alegre, v.43, n.3, p.671-682, 1998.

ROIG, Llamas. La analogia entis en la metafísica suarista. Notas para um patrón mixto. *Comprende*. v.20, n.1, p.55-71, 2018.

SANZ, Víctor. *La teoría de la posibilidad em Francisco Suárez*. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra, 1989.

SILVA, Paula Oliveira e. As Disputações Metafísicas na encruzilhada da Razão Ocidental. In: MEIRINHOS, José Francisco; Silva, Paulo Olivera e (org.). **As Disputações Metafísicas de Francisco Suárez**: Estudos e antologia de textos. Porto: Edições Humus, 2011. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/73588>. Acesso em: 25 Jun. 2022.

SUÁREZ, Francisco. *Disputas Metafísicas*. 1. Ed. São Paulo: Editora Madamu, 2022.

\_\_\_\_\_. *Disputationes Methaphisicae*. v.3, Madrid: Editorial Gredos, 1961.

THOMPSON. Francisco Suarez's Theory of analogy and Metaphysics of St. Thomas Aquinas. *Angelicum*. Roma, v. 72, n.3, 1995.

**Contatos:** [kaiomsouza93@gmail.com](mailto:kaiomsouza93@gmail.com) e [jonas.madureira@mackenzie.com](mailto:jonas.madureira@mackenzie.com)